

## Do relacionar-se com a morte ao suicídio *algumas elaborações a partir do pensamento de Tugendhat*

Mônica Parreiras<sup>1</sup> 

Universidade do Vale do Rio dos Sinos, UNISINOS

**Resumo:** O objetivo do presente artigo é a partir das elaborações de Tugendhat a respeito do relacionar-se com a morte, pensarmos de que forma o suicídio se vincula como liberdade do indivíduo e com os três níveis da reflexão daquele que diz “eu”. Sustentaremos a tese de que o suicida ao relacionar-se com a morte, não consegue ascender ao segundo nível da reflexão ficando preso ao núcleo do “eu” e com isso impossibilitado de refletir sobre a sua vida como um todo. Concluiremos mostrando alguns pontos que nos possibilitaram fazer essa relação do indivíduo para além do estar frente a morte, culminando com o suicídio.

**Palavras-chave:** Morte. Suicídio. Eu. Reflexão. Tugendhat.

### *From relating to death to suicide some elaborations based on Tugendhat's thought*

**Abstract:** *The objective of this article is, based on Tugendhat's elaborations regarding the relationship with death, to think about how suicide is linked to the individual's freedom and to the three levels of reflection of the one who says "I". We will support the thesis that the suicidal person, when related to death, cannot ascend to the second level of reflection, being stuck to the core of the "I" and thus unable to reflect on his life as a whole. We will conclude by showing some points that allowed us to make this relationship of the individual beyond being facing death, culminating in suicide.*


**Keywords:** *Death. Suicide. I. Reflection. Tugendhat.*

### *De relacionar la muerte al suicidio algunas elaboraciones a partir del pensamiento de Tugendhat*

**Resumen:** *El objetivo de este artículo es, a partir de las elaboraciones de Tugendhat sobre la relación con la muerte, pensar cómo el suicidio se vincula con la libertad del individuo y con los tres niveles de reflexión del que dice "yo". Sostendremos la tesis de que el suicida, cuando se relaciona con la muerte, no puede ascender al segundo nivel de reflexión, quedando pegado al núcleo del yo y por lo tanto incapaz de reflexionar sobre su vida como un todo. Concluiremos mostrando algunos puntos que nos permitieron hacer que esta relación del individuo más allá de estar frente a la muerte culmine en el suicidio..*

**Palabras-clave:** *Muerte. Suicidio. Yo. Reflexión. Tugendhat.*

---

<sup>1</sup> Mestra em Filosofia pela UNISINOS, especialista em Psicanálise: Técnica e Teoria pela UNISINOS, graduada em Psicologia pela UNICAP, psicanalista membro da Association La Cause des Bébés e da Escola de Estudos Psicanalíticos, diretora clínica do Instituto de Tratamento Psicanalítico Mon Doudou de Porto Alegre/RS,  ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-4052-4103>, e-mail: [monicaparreiras@gmail.com](mailto:monicaparreiras@gmail.com).

## 1 INTRODUÇÃO

Diante da morte, somos de imediato circundados por discursos que giram em torno de um suporte místico ou religioso por meio de falas como: “que Deus console, que Deus dê forças, que Deus possa trazer alento, que Deus possa aplacar a dor, enfim, só Deus.” Tugendhat em sua obra *Egocentricidade e Mística* (2004), aborda questões acerca do relacionar-se com a vida e com a morte, fazendo-nos pensar na íntima e intrínseca relação entre o viver e o morrer. Ele coloca que orientar-se pelo discurso do prudencialmente bom, é um modo de abordar a temática de como aqueles que dizem “eu” estão referidos à própria vida e a si mesmos como um todo.

Ele continua dizendo:

[...] O que parece bom para si, para alguém que diz “eu”, refere-se primeiro a uma pluralidade de interesses. Falar do “prudencialmente bom” é, antes de tudo, apenas uma fórmula para esse bom, contanto que seja pensado como um todo; [...] (TUGENDHAT, 2004, p. 96)

O autor retoma Aristóteles por ter ido além do discurso do sumo bem, empregando para isso, a pergunta de como o seu semelhante estaria para estabelecer “a maneira como os homens se referem cotidianamente ao que lhes é bom do ponto de vista prudencial...” (p. 97) Essa pergunta de como o semelhante está, é formulada de diferentes modos em cada língua, o principal é a avaliação de como um homem se encontra em relação às suas atividades e interesses individuais. É uma forma fundamental para os homens informarem-se mutuamente quanto a estarem bem ou mal.

Tugendhat acrescenta que a resposta padrão a essa pergunta não deve ser a expressão de um sentimento tal como “eu me sinto bem”, mas uma avaliação objetiva expressa pelos termos “bem” e “mal”. Isso vai além do estado afetivo *como um todo*, mas sim à própria *situação como um todo*. Mesmo estando a pergunta relacionada ao sentimento de alguém tanto para aquele que pergunta como para aquele que responde, o sentimento aponta o estado geral do indivíduo no que diz respeito aos seus diversos interesses, bem como ao sucesso e fracasso de seus desejos. Destacamos como ponto principal, o sentido temporal abrangente, tendo em vista como o indivíduo avalia a situação total dos seus interesses estendidos ao futuro.

Que relação pode existir nessa questão colocada por Tugendhat e o suicídio quando esta avaliação extensiva ao futuro não é positiva, ou seja, quando o indivíduo avalia não ter mais solução para a sua situação de estar no mundo?

Há um destaque para a afetividade, pois antes mesmo que os que dizem “eu” se orientem explicitamente por sua vida e pela unidade de seus interesses, isso se dá no âmbito afetivo. Aqui entramos numa questão salutar, a saber, se seria adequado referir que o objeto desta avaliação é a vida. Tugendhat coloca:

É mais fácil exprimir o que se tem em mente a partir daquele estado de ânimo no qual é natural dizer: “Eu preferiria não viver mais.” É natural tomar a valoração, implícita em toda a condição geral, como uma avaliação de meu estar-no-mundo, como um dizer sim ou não (com variados matizes intermediários) à vida no sentido da existência, como uma declaração de concordância ou não daquele que diz “eu” com o fato de que ele existe. Logo, por vida entende-se aqui a oposição ao não existir. (TUGENDHAT, 2004, p. 99)

Partindo desta citação, fica claro que o objeto da avaliação é a própria vida, mas não o processo da vida. Não se trata de avaliar a qualidade deste processo. Nesta avaliação acontece o contrário, isto é, nela se expressa o posicionamento *em relação* à vida. Disposição para continuar vivendo; “vontade de viver”.

## 2 SOBRE A VALORAÇÃO

Fundamental destacarmos uma diferença importante entre homens e animais quando ao pronunciarem “eu” mostram uma relação objetivante consigo mesmos e a consciência da vida estendendo-se ao futuro, além de uma relação *com a continuação de sua vida*. Sublinhamos aqui o fato de que passam a adotar uma posição valorativa da vida e com isso, em caso extremo, chegando a desejar a morte.

Embora a tomada valorativa de posição tenha relação primeira com o estado de ânimo, poderá acontecer do indivíduo se colocar em posição de *reflexão*, quando ao dizer “eu”, se posiciona *em relação* à sua condição geral e às *valorações* dos diversos interesses implícitas nos afetos. Sendo assim, poderá haver uma conscientização por parte daquele que

diz “eu” no sentido de assumir as valorações implícitas em seu estado de ânimo e em seus afetos, ou refletir mais sobre elas, tornando-se consciente de seu espaço de liberdade.

Todas essas questões nos levam a pensar na liberdade deste que diz “eu” para se implicar com os acontecimentos de sua vida de modo a poder transitar com as dificuldades ou atribuir a outrem o seu infortúnio, acreditando não ter solução e por isso desejando a morte, culminando no suicídio.

A implicação do indivíduo traduzida pelo “depende de mim” advinda da reflexão, refere-se ao indivíduo no sentido da sua vida iminente e por isso é possível que ele se pergunte como quer viver e o que considera bom para si mesmo, tendo assim uma tomada de posição global em relação ao prudencialmente bom, ponto de partida de Aristóteles.

De acordo com Tugendhat, faz-se necessário estabelecer uma distinção, de um lado, como o indivíduo vai constantemente e passivamente se confrontando com sua vida “no todo”, e, de outro, o posicionamento explícito na questão prática no qual o posicionamento anterior e as valorações de interesses individuais nele implícitas, se refletem. Sendo o estado de ânimo determinado pela variedade dos interesses e avaliações, além de expressar uma avaliação da própria vida como um todo, faz com que a questão prática seja entendida como tendo diversos centros de gravidade e com isso, tendo sua importância questionada.

Um ponto trazido pelo autor a merecer destaque, diz respeito àquilo que o indivíduo considera bom, se seria tão importante como aparece no afeto. Entra em questão a partir deste apontamento de Tugendhat, o peso que os diversos interesses e desejos têm para alguém. Entretanto, aquele que diz “eu” não possui fontes próprias de conteúdo, mas é dele que depende a importância que dará aos diversos bens. Algumas perspectivas podem ser consideradas, a saber, o presente, o futuro ou quando diante da morte pensa na vida.

As elaborações de Tugendhat nos fazem pensar em tantas outras questões e nos inquietam principalmente quando tocam nos pontos que envolvem a vida e a morte. Deste modo, pensamos que a dificuldade de pensar na vida e no futuro estaria imbricada ao morrer por meio do suicídio. Se o indivíduo pensa no quão importantes são os seus interesses, ele também pensa o quão importante parece a si mesmo no mundo. No “para mim” ficam implícitas as questões: “Como quero e como devo viver?”

### 3 OS NÍVEIS DA REFLEXÃO

As questões implícitas no “para mim” que se desdobram no “como quero e como devo viver”, caracterizam-se de três maneiras. Em primeiro lugar pelo “como” da vida, ou seja, na conexão de como o indivíduo se relaciona com os interesses. Em segundo lugar, o que diz “eu” está contido na dispersão dos seus interesses e reflete sobre si mesmo e sua vida como um todo. E em terceiro lugar, a pergunta implica ser o questionamento não só referido ao que diz “eu”, mas ainda, a qualquer outro que possa questionar.

Quanto ao primeiro ponto referido anteriormente, a saber, o “como” da vida, que se orienta pelas avaliações dos interesses individuais e converte-se no segundo que concerne à dispersão desses interesses, convém ressaltarmos dois níveis em sua estrutura, apontados pelo autor sendo ambos apresentados como um passo atrás daquele que diz “eu”. Com isso, no primeiro nível, há um retrocesso quanto ao modo de se relacionar “imediate” e “afetivamente” com seus interesses e desejos, ao mesmo tempo que se indaga sobre concordar ou não com a valoração e importância a eles atribuídas. Tal reflexão conduz ao segundo nível, ou seja, a conscientização de que toda resposta ao primeiro nível é relativa a certa compreensão que o indivíduo faz de si e de sua vida e que ele pode problematizar.

Tal reflexão está referida à própria vida e não apenas a um núcleo do “eu”. Isto significa pensar que a vida consiste não somente nos interesses que vão se acumulando, mas que todo querer individual acontece em seu interior e deste modo, a consciência temporal do indivíduo se estende para a consciência da efemeridade da vida e de todas as contingências a que se está exposto, bem como a inconstância dos afetos.

Na perspectiva das elaborações de Tugendhat seria o suicida aquele indivíduo que tem dificuldade de se implicar numa reflexão que o leve a pensar na sua importância no mundo? O suicida seria aquele indivíduo que não passa ao segundo nível da reflexão? Estaria ele preso ao núcleo do “eu” e por isso impossibilitado de refletir sobre a vida como um todo?

Vale salientar que os que dizem “eu” podem não querer admitir o aspecto negativo desta reflexão. Por isso muitos veem a pergunta prática apenas em seu primeiro nível. Esta negação aponta para a questão defendida por nós a partir das elaborações de Tugendhat a respeito do morrer por meio do suicídio. Ele continua dizendo:

[...] Por outro lado, a partir disso, fica claro que, quando a pergunta prática é colocada no segundo nível, trata-se, sobretudo, de ganhar estabilidade na efemeridade, e uniformidade no que se refere à multiplicidade de interesses. (TUGENDHAT, 2004. p. 104).

Cabe enfatizar, as contradições as quais o indivíduo é submetido. De um lado, deixa-se absorver por suas atividades e preocupações individuais, e por outro, é perturbado pela pergunta sobre o que quer de modo geral e sobre o que de fato lhe importa na vida. O incômodo causado pela pergunta se dá pela sua obscuridade, uma vez que faz surgir uma dinâmica contrária entre a ocupação com os detalhes e a indagação sobre o sentido da vida.

Retomando os níveis de reflexão, no primeiro nível o indivíduo ao refletir tem de julgar quão importantes lhe são os seus interesses individuais, como num grau de prioridades. Já no segundo nível, ele deverá considerar seus interesses a partir da perspectiva da sua vida como um todo. Contudo, há a interferência de aspectos universais da vida humana como morte, efemeridade e contingência, comum a todos os homens. Por isso, a reflexão concernente à vida e a pergunta de como ela pode ser adequadamente conduzida face às vicissitudes a que está sujeita, não está restrita ao âmbito privado do indivíduo. Quando se pergunta como viver bem, o faz de forma individual, mas é uma pergunta que pode ser elaborada anonimamente como “quão bem é possível viver?” Isso torna esta pergunta discutível com os demais.

#### 4 O PROBLEMA DA FINITUDE

Trata-se de apurar em que sentido a finitude é um problema para os homens, tendo em vista ser óbvio o fato de tudo ser limitado a diversos aspectos. A preocupação com o futuro é característica dos homens que querem manter o que possuem, apreciam a estabilidade e temem a efemeridade. Além dessas preocupações, surge o receio de um futuro vazio, além do tormento da monotonia e mesmo que pareça paradoxal, buscam o contrário da estabilidade, ou seja, a mudança.

Com isso, estes indivíduos esperam um futuro da forma como desejaram e por isso experimentam na inconstância e na contingência dos acontecimentos, a própria impotência.

O acaso e o inusitado são insuperáveis mesmo que o homem tente reduzi-los ao máximo, e na medida em que a consciência ultrapassa o presente, faz com que a experiência dependa de fatores que podem ser superados de forma isolada, mas que possuem uma dimensão de indisponibilidade ao menos inicialmente.

A experiência da morte é considerada a mais relevante das experiências de impotência e limite. Diante da morte, o querer egocêntrico fica extremamente perturbado e a impotência refere-se não somente ao “como” do futuro, mas também a ele próprio, ao seu fim. Uma constatação tão terrível e por isso reprimida sempre que possível.

A peculiaridade do medo da morte nos homens, tem a ver com a imediatividade e a brevidade, pois apenas eles são dotados de uma consciência temporal e para sentirem esse medo, precisam entender o significado das palavras “imediatamente” e “brevemente”, além da palavra “não”. O medo da morte é especificamente humano e tem um objeto que pode ser considerado intelectual, diferentemente dos animais que não o tem.

Por outro lado, quando o indivíduo tenta formular precisamente essa questão, já não se sabe ao certo o porquê do medo. Considerar a vida sumo bem e a morte sumo mal, torna evidente a conclusão do medo e não a razão. Contrariamente, encontramos uma razão suficiente na justificação biológica. Como exemplo, utilizamos o mesmo citado pelo autor, a saber, as dores físicas temidas por serem consideradas um mal. E por que são consideradas um mal? A resposta está na evitação. Os homens procuram evitar as dores e há uma explicação biológica para esta evitação.

Ressalva importante concerne a aceitação da hipótese biológica, mas tendo que voltar a indagação sobre o exato objeto do medo da morte e com isso, uma testagem desta hipótese. Para esclarecer esta questão, Tugendhat sugere evitarmos os equívocos quando falarmos sobre “a” morte de modo substantivado. Pensar sobre a morte é pensar sobre um grande acontecimento, pois trata-se de pensar no acontecimento do fim da vida.

A questão de pensarmos a finitude traz ambiguidades. Podemos considerar: (a) o medo da vida acabar *algum dia* ou (b) o medo da vida acabar imediata ou brevemente. Ao falarmos do medo *da* morte, podemos passar de um lado a outro. Sendo assim, entendendo o medo da morte como biologicamente justificado, têm-se um favorecimento da segunda versão. Entretanto, ter medo de morrer algum dia, seria incompreensível apenas

semanticamente, pois morrer algum dia é uma *propriedade*, ou seja, a propriedade de ser mortal e assim, só é possível ter medo de um acontecimento e não de uma propriedade. Para resolvermos o problema semântico, basta não pronunciarmos que temos medo da morte, mas que somos preenchidos por ela com um sentimento de falta de sentido ou melancolia. Todavia, esse sentimento é disfuncional se levarmos em consideração o aspecto biológico, pois considerá-lo significa que aqueles que são dotados de consciência temporal, façam de tudo para evitar a morte iminente. Contrariamente a isso, é biologicamente disfuncional se sentir paralisado com o fato de ser mortal.

Nesta perspectiva, fica difícil levar em consideração a perplexidade diante da vida como um fenômeno primário, mesmo diante do medo da própria morte como da morte de outrem. Quanto à possibilidade de perdermos um ente querido, parece mais notório o medo de perdê-lo em breve do que algum dia. Sendo a mortalidade um fenômeno primário para o medo, seria estranho o fato de os homens tanto a evitarem exatamente quando são por ela ameaçados, uma vez que isso seria um adiamento. Por outro lado, esse adiamento tem grande importância. A procrastinação seria pouco racional, se a mortalidade fosse o problema. No entanto, ela é o que se deve esperar, caso a hipótese biológica seja verdadeira. Para Tugendhat, a melancolia é compreensível como uma conclusão frente a morte, mas não necessária, já que a morte pode acontecer a qualquer momento. Não é uma conclusão necessária porque pode ser indesejável uma vida interminável.

Sendo assim, pensarmos no medo da morte relacionado a um acontecimento “imediate ou breve” faz com que a hipótese biológica ajude a manter o objeto desse medo livre de outras explicações. Ademais, parece que toda forma de fundamentação metafísica é indutora do erro, principalmente aquela que vê a razão do medo da morte em um medo do nada, embora quem morra transforme-se em nada, ficando próximo de dizer que se transforma no nada.

A formulação mais austera do medo que consiste no medo de *deixar de existir*, com o “não” implícito nesta palavra, não tem como compreensível que o motivo deste medo seja evidente em si. Além disso, também não é evidente que se prescindirmos da hipótese biológica, queremos continuar a viver. Os homens quase o tempo todo, querem viver mais. A grande questão gira em sabermos os motivos.



Tugendhat recorre então, ao texto de Nagel por descrever muito bem o medo da morte pelo viés psicológico e concorda com ele dizendo:

[...] De minha parte, pelo menos, sinto a ideia de deixar de existir exatamente como Nagel a descreve: eu acharia terrível se soubesse que deixaria de existir imediata ou brevemente, e sinto como terrível a ideia de me transformar em nada. [...] (TUGENDHAT, 2004, pp. 112-113)

O autor coloca que algumas pessoas ao se depararem com a morte, reagem com tranquilidade. O indivíduo que decide interromper sua vida, curiosamente também se apresenta sereno e calmo. Se pensarmos que o pavor ante a iminência da morte é o único sentimento compreensível, não poderíamos achar essa reação totalmente incompreensível. Aquele que considera o medo da morte do ponto de vista biológico, pode afirmar que se a morte é inevitável e imediata, o medo não tem sentido. Segundo Tugendhat, pensar que a morte pode ocorrer a qualquer momento, pressupõe que o medo está relacionado ao medo de morrer imediata ou brevemente, distinto da consciência quanto à mortalidade que também pode ocorrer a qualquer momento. Aqui não há vinculação com o medo e por isso o terrificante não está na consciência de que se passará ao nada, mas de se imaginar que a passagem é iminente. A aceitação biológica está fortemente ligada à diferença afetiva entre essas duas especulações que têm como mesmo objeto, a passagem ao nada.

O ponto chave para as nossas elaborações que partem da teorização de Tugendhat no que concerne ao relacionar-se com a morte para chegarmos ao suicídio e podermos levantar algumas questões que nos permitam entender onde localizarmos as razões que levam o indivíduo à decisão de interromper a vida, tem relação com esta indagação trazida pelo autor: “Que importância se atribui, então, à conduta em relação à morte na pergunta prática?” (p. 114)

Para responder a essa indagação fundamental, ele coloca que a importância consiste na reflexão da vida aquém dos objetivos e dos interesses individuais, sendo exatamente com eles que o indivíduo se depara quando confrontado à morte. Imaginar como seria deixar de existir, implica em imaginar também no que deixaria de existir, ou seja, a própria vida.

A certeza efetiva da morte breve ou imediata, faz com que o medo biologicamente condicionado reprima os pensamentos ao ponto de não se pensar no “como” da vida. Por

outro lado, apenas imaginar como seria deixar de viver em breve, pode trazer a pergunta sobre como está a vida, como algo natural e por isso a confrontação com a morte terá sempre o efeito unificador, tão importante para a indagação sobre o “como” da vida.

A morte, segundo Tugendhat, pode ser um catalisador da vida e também intensificador da pergunta prática, além de fazer parte do conteúdo desta pergunta. Se temos em vista que a morte é um fato inelutável a qualquer momento, como devemos agir? O indivíduo se vê entre o desejo de viver mais a todo custo e o sentimento de terror perante a transição para o não ser, que é inevitável.

A partir do inelutável, isto é, a facticidade da morte, como o indivíduo vai se comportar terá como desdobramento um afastamento com a esperança de viver mais no além ou a recusa a esta alternativa, ignorando ou aguentando firme. Sabendo não existir conexão analítica entre a transição para o não ser e o temor, conclui-se que somente quando o indivíduo não vê nada para além dele mesmo, numa perspectiva altamente egocêntrica é que essa transição é terrificante.

## 5 CONCLUSÃO

Depois de todas as elaborações de Tugendhat a respeito do relacionar-se com a vida e com a morte, chegamos ao ponto no qual a morte aparece na sua função de fazer o indivíduo olhar para além de si mesmo, prestar menos a atenção em si, voltando-se para as outras coisas, mesmo permanecendo para si o centro volitivo do mundo. Isso fará com que o indivíduo possa se atribuir uma importância comparativamente menor e por conseguinte, pensar na morte e imaginar morrer imediata ou brevemente e com isso, colocar-se à sua margem. Deste modo, a morte possivelmente possa ser aceita pela mística, mas como este tópico não está no escopo deste artigo, ficaremos nas reflexões tanto práticas quanto teóricas suscitadas pelo autor no decorrer de suas formulações sobre o relacionar-se com a vida e com a morte.

Relacionar-se com vida implica no dar um passo atrás em relação ao que se quer ou se pensa de imediato. Esta é a simples reflexão. Pensar em si mesmo e fazer a pergunta prática

traz à tona o “como” da vida, onde o indivíduo toma distância de seus desejos e interesses pessoais.

Uma das questões levantadas refere-se ao suicida ter dificuldade de pensar na sua importância no mundo, uma vez que não se implica numa reflexão aprofundada, permanecendo preso apenas as suas vontades e ao não conseguir tomar distância do seu “eu”, tem dificuldade de pensar na vida e no futuro.

De acordo com as formulações de Tugendhat, enquanto o segundo nível de reflexão consiste em dar um passo para trás *em relação a* si mesmo, o terceiro nível é um distanciamento *de* si mesmo. Com essa afirmação, o autor nos permite defender nossa tese de que o indivíduo que decide interromper sua relação com a vida, tem dificuldade de relacionar-se com a morte por não conseguir passar ao segundo nível da reflexão, conforme foi demonstrado ao longo deste artigo.

Concluimos assim, ser o suicida aquele indivíduo voltado à multiplicidade das atividades e interesses pessoais e particulares, dando importância absoluta à própria egocentricidade, pois contrariamente, se conseguisse problematizar a própria vida, naturalmente se confrontaria com o caráter limitado característico à vida e por isso ficaria a sua margem, sujeito às vicissitudes e efemeridades advindas do relacionar-se com a vida, bem como as suas próprias limitações, além da contingência e do caráter limitado da vida humana como um todo. Além disso, ao se considerar inserido no todo, se perceberia em sua insignificância e na insignificância das preocupações pertencentes ao mundo. É isso que falta ao suicida, uma auto relativização da sua própria importância, podendo ceder ou não a ela.

Distanciar-se de si mesmo parece impossível ao suicida. Ele precisaria dar um passo para trás em relação ao egoísmo e a sua egocentricidade mesmo que isso pareça paradoxal, uma vez que permanecerá sempre “eu” independentemente de distanciar-se de si mesmo. Contudo, o mais importante está no fato do “si mesmo” como “eu quero”, ou seja, a atitude de apegar-se aos objetos do querer, típico da egocentricidade humana, inclusive pela incapacidade de livrar-se do medo da morte e por isso, adianta-se a ela, dando fim à própria vida.

## Referências

Cadernos GPOSSHE On-line, Fortaleza, v. 6, n. 1, 2022  
<https://revistas.uece.br/index.php/CadernosdoGPOSSHE>  
 DOI: [doi.org/10.33241/cadernosdogposshe.v6i1.8363](https://doi.org/10.33241/cadernosdogposshe.v6i1.8363)  
ISSN: 2595-7880 e-ISSN: 2595-7880  
e-mail: [contato@gposshhe.com](mailto:contato@gposshhe.com)  
Licença: Creative Commons – Atribuição não comercial 4.0 internacional



CESCO, Marcelo Lucas. *TUGENDHAT, Ernst. Egocentricidade e mística: um estudo antropológico. (Resenha). Conjectura: Filos. Educ.*, Caxias do Sul, v. 19, n. 2, p. 204-208, maio/ago. 2014.

MACHADO, Elisângela Pereira. *Transcendência imanente: Ernest Tugendhat e a mística*. Dissertação de mestrado. Universidade do Vale do Rio dos Sinos, Programa de Pós-Graduação em Filosofia, São Leopoldo, RS, 2011.

TUGENDHAT, Ernest. *Egocentricidade e Mística: um estudo antropológico*. Tradução de Adriano Naves de Brito e Valério Rohden. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2013.

---

**Recebido em:** 30 de maio de 2022

**Aceito em:** 4 de junho de 2022

**Publicado online em:** 5 de junho de 2022